

CRÔNICAS E CONTROVÉRSIAS

VOCABULÁRIO SUL-RIO-GRANDENSE: DE INSTRUMENTO LINGÜÍSTICO À CONSTITUIÇÃO DE UM DISCURSO FUNDADOR

Eliana Rosa Sturza

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

1. Vocabulários: Instrumento Lingüístico e Discurso

Na metade do Século XIX, findada a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, o cenário intelectual é efervescente, com publicações de trabalhos na área da literatura, história, folclore, entre outros.

Estas manifestações, muito vinculadas a um contexto cultural que se sustenta na busca de uma identidade regional, tentam traçar um perfil do gaúcho a partir de estudos sobre o seu comportamento social, suas posições políticas, suas tradições e seu modo de falar.

Considerado o pioneiro em anotar variedades dialetais do português nas gramáticas da Língua Portuguesa do Século XIX, por incluir exemplos regionais na sua obra *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*, de 1836, Antônio Álvares Pereira Coruja publica, em 1852, o primeiro Vocabulário sobre expressões e vocábulos usados pelos gaúchos, chamado *Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*.

Este período em que Antônio Coruja produz essas obras entre tantas outras corresponde ao quarto momento de periodização do processo de gramatização da língua portuguesa no Brasil, quando se instaura a autoria brasileira das gramáticas, conforme propõem Guimarães e Orlandi (2001:23).

O processo de gramatização do português do Brasil, passado o período das anotações de diários e relatos de viagens, da incorporação de brasileirismos nas gramáticas portuguesas, concretiza-se com a autoria brasileira na produção de instrumentos lingüísticos, quando se publicam Gramáticas, Dicionários e Vocabulários de autores brasileiros, já no século XIX, logo após a Independência do Brasil.

Após a publicação do Vocabulário de Antônio Coruja, são publicados no Rio Grande do Sul, até a década de 30 do Século XX, mais três Voca-

bulários regionais que se tornariam, posteriormente, referência para os estudos sobre a variedade lingüística do português gaúcho. A lexicografia sul-rio-grandense tem, então, sua origem na seqüência das publicações destes autores: J. Romaguera Côrrea – 1898; Roque Callage – 1926 e Luiz Carlos de Moraes – 1935.

Segundo Guimarães (1996:137), o Vocabulário de Antônio Coruja faz parte da constituição dos conhecimentos lingüísticos brasileiros. Ela faz parte do segundo período nos Estudos Filológicos Brasileiros, segundo o modo como esse autor faz a periodização do processo de gramatização do Português brasileiro. Neste sentido, obras desta natureza, surgidas já no final do Século XIX, fazem parte de um recorte que se caracteriza pela *busca das especificidades do Português do Brasil*.

Na história da Dialectologia Gaúcha, os *Vocabulários Sul-rio-grandense* são considerados por Bunse (1969:9) como os *estudos anteriores* à formalização dos estudos dialetológicos no Rio Grande do Sul.¹

Segundo este pesquisador, estes vocabulários nascem de uma preocupação em registrar aspectos do Linguajar Gaúcho, pois as características da vida social campeira, representadas pela figura do gaúcho, contribuíram para criar *uma situação peculiar que se reflete numa literatura regional, e que, em muitos aspectos, difere da dos outros Estados do Brasil com suas tradições culturais bem mais antigas, naturalmente teve reflexos na língua, e não faltam curiosos e estudiosos que chamam a atenção sobre o “linguajar do gaúcho”*.

Em 1964, Walter Spalding organiza, em um único volume, todos esses vocabulários, por considerá-los fundamentais para a história social e cultural do Rio Grande do Sul. No prefácio da obra publicada com o nome de *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, Spalding anuncia:

este vocabulário é uma síntese de pesquisas locais, testemunho da formação de uma realidade regional no processo sociológico de todo o País. Significa, ainda, o acesso facilitado a todos os que querem penetrar e compreender os usos lingüísticos do Rio Grande do Sul.

Além dos quatro Vocabulários desses autores gaúchos, Walter Spalding inclui, nesta edição organizada por ele, acepções de outros estudiosos: Carlos Teschauer S.J., que publicou, em 1928, o *Novo Dicionário Nacional*; Beaupaire-Rohan que publica, em 1889, o *Dicionário de Vocábulo Brasileiros*; Darcy Azambuja – escritor gaúcho que costumava anexar uma extensa lista de vocabulários regionais em suas obras literárias regionalistas, entre elas: *No galpão-1925* e *Contos Rio-Grandenses* – 1927. E completando sua lista de autoridades, Aurélio Buarque

de Hollanda, com o seu *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de 1941.

Estes autores foram escolhidos porque, segundo Spalding, tiveram um grande contato com autores sul-rio-grandenses e com a cultura gaúcha, além de dar a essa edição um caráter de autoridade e amplitude. Isto permite verificar como discursos que se constituem na descrição de cada verbete, se repetem, se relacionam e se remetem. Destaca-se entre os vocábulos a palavra “gaúcho”, à qual é dada uma extensa e variada definição.

A reunião dos Vocabulários Sul-rio-grandenses, sobretudo por sua importância no registro da lexicografia regional, especialmente com o resgate do trabalho de Antônio Coruja para os estudos lingüísticos do Rio Grande do Sul é, do ponto de vista da produção intelectual, um marco para a História das Idéias Lingüísticas, assim como para que se possa apontar o nascimento do Discurso Fundador do “Linguajar Gaúcho”.

A partir do conceito de discurso fundador de Orlandi (2001e 2003), considero que a primeira Coletânea de Vocabulários Sul-rio-grandense, de Antônio Coruja, é significativa para os estudos da linguagem, na medida em que contribui para a instauração de uma discursividade. Com esta obra, Antônio Coruja estaria fazendo o prenúncio da fundação de um discurso sobre o português gaúcho, chamado posteriormente por alguns autores de “Linguajar do Gaúcho”.

Essa discursividade vai se firmando pela existência de uma seqüência de trabalhos, que passa a orientar e a determinar um lugar de produção nos estudos lingüísticos do Rio Grande do Sul. Esses estudos se destinam, sobretudo, a afirmar o regionalismo como espaço de pesquisa e reflexão. Nesse espaço se acolhe o debate de idéias, reproduzindo heranças ideológicas que se construíram ao longo do tempo, e que foram decisivas para formação sócio-histórica e política do estado.

Dado que tais posições ideológicas afetam a produção cultural do Rio Grande do Sul, Antônio Coruja, como participante ativo em episódios da Revolução Farroupilha, não só acompanhou este processo de afirmação da política local, como produziu suas obras neste contexto e, embora já distante do Rio Grande do Sul, publica seu estudo sobre o vocabulário gaúcho em 1852.

Este seu trabalho de garimpar léxicos próprios da linguagem do gaúcho significa tanto pelo gesto como pelos sentidos. A interpretação dada por Antônio Coruja para o registro das diferenças lexicais presentes no português do Rio Grande do Sul é de como significa essa língua portuguesa na sua relação com a formação sócio-histórica do estado. Para ele, (In Spalding:1948, p.318-319):

...todavia a indústria peculiar, dos habitantes desta província seu caracter particular, seus divertimentos apropriados às circunstâncias e recursos locais, o continuo comércio dos habitantes da campanha com os estados visinhos, que exclusivamente falam a língua castelhana, e sua antiga comunicação com diferentes tribus indígenas, tem feito que seus habitantes para exprimirem certas idéias e comunicarem certos pensamentos tenham adaptado alguns vocábulos e frases que não tem equivalentes nem no uso comum nem nos dicionários da língua...

Segundo nos revelam suas biografias, Coruja teve uma atuação política significativa no âmbito da educação e da cultura sul-rio-grandense. Mas o que marcou sua vida profissional foi o que o fez ser identificado por lingüistas e intelectuais, como um percussor da dialetologia brasileira, tal como nos apresenta César (1971:120):

Que a tendência nacionalista de Coruja assentava em preocupações mais construtivas, di-lo a circunstância de ter iniciado a dialetologia brasileira, conforme acentua Antenor Nascentes, com a Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A despeito de ser pequena a sua recolta, não deixou Coruja de influir poderosamente o gosto pelas pesquisas de tal natureza. Dando foros de cidade a termos e locuções criados na campanha rio-grandense, chamando para estes a atenção dos estudiosos, contribuiu, em suma, para o enriquecimento da língua escrita.

O Acontecimento deste primeiro discurso sobre a lexicografia gaúcha, que também é o da dialetologia brasileira está constituído por uma materialidade histórica.

Historicamente, as divisões políticas que se acentuaram com a Revolução Farroupilha fizeram surgir, pelos menos para os separatistas, um sentimento de não pertencimento ao Estado nacional brasileiro. Esse sentimento dá vazão a uma produção cultural intensa no final do Século XIX. Neste momento, há uma significativa produção literária de cunho regional, movimentos de valorização das tradições e costumes, estudos históricos e o início dos estudos lingüísticos sobre o Dialeto Gaúcho.

Deste modo, os estudos lingüísticos do Rio Grande do Sul nascem pela diversidade lingüística, produzindo-se um saber metalingüístico regional, mas que é também parte do processo de gramatização da língua portuguesa do Brasil.

A publicação do Vocabulário de Coruja, no caminho da conquista da autoria brasileira da Gramática da Língua Nacional pode ser interpreta-

do como um fato de antecipação nos estudos sobre as variedades regionais do português brasileiro, conforme registrou Antenor Nascentes, em relação aos exemplos utilizados por Coruja em *Compêndio da Gramática da Língua Nacional*, de 1836.

Mas, muito mais do que isso, para o contexto intelectual do Rio Grande do Sul, a publicação desta obra marca a fundação de uma discursividade sobre o Linguajar Gaúcho, com uma autoria local posicionada politicamente em relação a sua produção cultural, o que incluía a produção de um conhecimento lingüístico local, que estava, por sua vez, em concomitância com o que ocorria à nível nacional, com o início do processo de autoria brasileira na produção dos instrumentos lingüísticos da Língua Portuguesa do Brasil.

2. Um Espaço Discursivo

Para analisar como essa discursividade sobre o Linguajar do Gaúcho se funda pela publicação de um instrumento lingüístico regional, no contexto da autoria brasileira, recortei o vocábulo “gaúcho” entre os vocábulos presentes na obra *Vocabulário Sul –Rio-Grandense*, editada e publicada por Walter Spalding, em 1964. Considerando que a palavra “gaúcho” define um tipo social e que se associa à identidade de uma região, busco interpretar como no funcionamento discursivo deste verbebe, o interdiscurso faz significar essa língua do gaúcho e remete à construção de uma identidade regional.

O Vocábulo *gaúcho*, unidade de análise deste trabalho, possibilita formular a hipótese de que existe uma discursividade em constituição sobre o gaúcho sul-rio-grandense. Essa discursividade é a formação de uma memória do dizer, significando uma ideologia histórica vinculada à formação de uma identidade gaúcha – como identidade política e social de uma região.

Para proceder à análise, tomo como referência os conceitos de Interdiscurso e Discurso Fundador de Orlandi (2003). A partir destas categorias, pretendo compreender a construção de um modo de dizer os sentidos que esse Linguajar do Gaúcho passa a significar, inclusive, para a história da lexicografia da língua portuguesa do Brasil.

O *Vocabulário Sul-Rio-Grandense* é ainda considerado como uma obra de referência nos estudos regionalistas, porque seus autores, além de pesquisar sobre a língua, também pesquisavam sobre história, folclore, geografia, ou eram cronistas, contistas ou poetas. Não só fundam um discurso sobre a língua como também permitem interpretar o modo como se configurou a cultura regional do final do Século XIX até meados do Século XX.

Neste sentido, o discurso fundador como uma memória do dizer, que se funda pela língua, é este modo de re-dizer constantemente, pelo funcionamento discursivo, os sentidos da língua, desta língua de domínio dos gaúchos. Esta língua que é também a língua portuguesa brasileira e que na sua relação com a história, constrói ideologias.

Como define Orlandi (1993:13), o discurso fundador institui essa memória do dizer tanto pelo que pode projetar enquanto marco de nascimento de uma discursividade como pelo que pode, a partir deste fato, instituir-se como uma memória, criando *uma tradição de sentidos*.

Assim como os dicionários são instrumentos lingüísticos, tal como define Auroux (1992), porque constituem uma tecnologia produzida pelo processo de gramatização de uma língua, os Vocabulários – que são parte integrante de um dicionário – são produtos organizados de uma coleta lexicográfica específica, portanto um instrumento tecnológico, pois resultam da produção de conhecimento lingüístico, de uma coleta de variedades lingüísticas, em que as definições buscam dar conta de preencher os sentidos significados em um dado momento histórico, neste caso, naquele em que se funda a discursividade do “Linguajar Gaúcho”.

A diferença dos Vocabulários, dado o exemplo do *Vocabulário Sul-rio-grandense*, em relação aos dicionários, é que eles registram, de modo específico, aquilo que é heterogêneo na “mesma” língua portuguesa falada nas diferentes regiões brasileiras, contemplando o universo lexical em uso nessa língua. Os Vocabulários, desse modo, focalizam o diverso, descrevendo a diversidade lexicográfica da Língua portuguesa no Brasil, significando inclusive sua heterogeneidade, tal como nos afirma Orlandi (2002).

Sendo o léxico, fundamentalmente, o material lingüístico sobre o qual esses Vocabulários significam as práticas lingüísticas de uma mesma língua portuguesa brasileira, como um produto organizado de um saber lingüístico construído nas relações da língua com o real, com a própria história da sociedade.

Conforme Orlandi (2002:104),

É assim que a pesquisa lexicográfica, como a pensamos, põe em contato a língua, a ciência, a sociedade e a história. O dicionário (eu diria o Vocabulário) adquire aqui o sentido de uma tecnologia própria à configuração de relações sociais específicas e entre seus sujeitos, na história. Ele é, desse modo, constitutivo da formação social.

O *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, publicado em 1964, é uma obra de resgate da pesquisa lexicográfica produzida no Rio Grande do Sul. A

publicação desta obra, pelos estudos lingüísticos que reúne, é a concretização de um gesto, que a legitima como o discurso fundador do “Linguajar Gaúcho” – que, na verdade, remete a uma outra memória do dizer, já fundada por Antônio Coruja ao publicar, em meados do Século XIX, a primeira Coletânea de Vocábulos.

O discurso fundador – que se materializa na obra editada por Walter Spalding – está filiado a uma memória do dizer iniciada por Antônio Coruja. A publicação desta obra deu uma “visibilidade” a um conhecimento lingüístico produzido pelos gaúchos sobre a sua “língua”.

Considerando que o discurso fundador (Orlandi:1998,131-142) é aquele discurso que se repete, mas de um outro modo, como um outro modo de significar, o *Vocabulário Sul-rio-grandense* é então a institucionalização de um discurso sobre o “Linguajar do Gaúcho”. Deste modo, um Vocabulário – parte do processo de dicionarização de uma língua – é um lugar de memória. Ao considerá-lo no seu processo discursivo, ele é um espaço de interpretação dos sentidos de uma língua e de sua relação com uma identidade histórica.

Sendo o léxico o primeiro estudo específico sobre o modo de designar um universo de objetos, situações, comportamentos, atitudes, sentimentos entre outras coisas ditas peculiares da tradição cultural gaúcha, ele ainda remete a um sentido simbólico que está fortemente associado à formação identitária do gaúcho, que se vê representada na língua.

Nunes (2001:71) diz que, nos tempos da colonização brasileira, para muitas das anotações sobre as diferenças da língua portuguesa do Brasil em relação ao português de Portugal, utilizava-se o argumento lexical, como modo de se apresentar as variedades em uso em uma mesma língua. No caso dos Vocabulários regionais, o léxico serve de argumento para apresentar as diferenças na língua portuguesa falada no Brasil, no interior dessa mesma língua.

Neste sentido, na história da gramatização do português do Brasil, a produção de instrumentos lingüísticos como o *Vocabulário Sul-rio-grandense* é um exemplo de como ocorre o processo de endogramatização da língua nacional, conforme define Auroux (1992:74), inclusive por se constituir em uma tecnologia.

É deste modo que o *Vocabulário Sul-Rio-Grandense* torna-se um produto do conhecimento lingüístico, um produto tecnológico enquanto obra e um discurso fundador enquanto significa um lugar de memória de um dizer que se repete, que se remete e se toma como referência para então significar na constituição de um “Linguajar do Gaúcho” – assim nomeado em referência ao “Linguajar Carioca” de Antenor Nascentes. Saindo da oralidade, esta “língua” também passa a ser valorizada como um patrimônio, parte de um acervo cultural reverenciado pelos gaúchos.

Construída esta relação de identidade entre a língua e o povo, no decorrer do Século XX, surge uma série de espaços de divulgação e afirmação deste “Linguajar do Gaúcho”, entre eles: os Festivais de Música Nativista, Movimentos folclóricos, o nascimento dos Centros de Tradições Gaúchas – CTGs, publicação de obras regionalistas. Todas, agora configurando um espaço discursivo que significa a Identidade Gaúcha.

Através da discursividade lexicográfica que considero fundada pelo *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, está evidenciado no funcionamento discursivo – como exemplificarei a seguir – a existência de um litígio, marcado por duas situações: a primeira é a da discussão interna a respeito da origem desses vocábulos – colocando no foco da discussão o problema da etimologia; a segunda, bastante evidente no vocábulo da análise – a palavra “gaúcho” – que está marcada pela transformação e especialização do objeto de definição, que é a deste indivíduo que personifica a figura do gaúcho.

Este problema da origem está: na palavra – pela definição que objetiva precisar – e no objeto – pela natureza de sua imprecisão – que lhe é constitutiva. Essa questão encontra eco em uma outra dualidade, a de posições políticas e ideológicas vinculadas a um sentimento presente no imaginário coletivo da sociedade gaúcha: do quanto e como se dá a noção de pertencimento ao estado brasileiro.²

Masina (2002:95) afirma que:

No caso do Rio Grande do Sul, a “coisa” regional decorreu, principalmente, de um desejo oculto de pertencimento a uma identidade brasileira diversa por sua origem fronteiriça e culturalmente híbrida. A ambivalência do movimento de absorção de imaginários estrangeiros, combinando traços da cultura portuguesa, acentuados pelo contato permanente com os platinos, volta-se para a construção de uma identidade própria que busca, no entanto, integrar-se ao resto do país.

Quanto à questão da etimologia das palavras, ela está determinada por duas posições: “Lusas” e “Castelhanas”. As disputas históricas que se travaram no período da formação sócio-política do estado forjam o nascimento de uma ideologia do gaúcho, que é também marcada pela dualidade. Portanto, a língua é atravessada por litígios e debates que se colocam no interior da produção de um conhecimento, de um quadro da História das Idéias muito particular, que se dá no Rio Grande do Sul.

Em relação a este debate, a seguinte frase de Walter Spalding, ao prefaciar o livro de “O Gaúcho na História e na Linguística”, de Propício

da Silveira Machado, ilustra bem os posicionamentos ao qual me referi acima: *Os acanhados “espanholistas” e os fanáticos “portuguesistas”*.

O Regionalismo como um movimento cultural tem sua maior expressão na literatura sul-rio-grandense produzida a partir da metade do Século XIX. Esta literatura apresenta tanto aspectos de universalidade como o caráter mais local, ou melhor, supra-regional, com fortes vinculações com a literatura gauchesca produzida no Uruguai e Argentina.

É esta literatura gauchesca que tem em Simões Lopes Neto o seu mais importante representante. Ele é o fundador de um discurso literário regional que está mais próximo de uma literatura rio-platense que a uma literatura regionalista brasileira. Este discurso de tons regionais vai caracterizar o regionalismo gaúcho como um espaço de produção cultural em que o dialeto local é a língua de expressão do homem gaúcho.

Mas não só pelas peculiaridades lingüísticas dos textos literários produzidos nesta época que o debate de idéias se intensifica. Ele tem origens políticas sedimentadas a tal ponto que as divisões se reproduzem na própria produção de conhecimento sobre esta cultura regional, tal como podemos verificar na frase de Walter Spalding, acima citada.

De acordo com Masina (2002:93): *Registram textos de dezenove o receio brasileiro de que os sul-rio-grandenses, contaminados pelo caráter libertário e bélico dos platinos, reivindicassem sua separação territorial e administrativa do Brasil. Essa tendência separatista, embora bastante combatida, de tempos em tempos ressurgia em manifestações isoladas, sempre rechaçada por nacionalistas, intelectuais e políticos ligados aos centros hegemônicos brasileiros, ou pertencentes às classes dirigentes do Estado.*

Os estudos culturais que se firmam, principalmente, pós-revolução Farroupilha, têm como meio de expressão a literatura, de um modo geral. Já no final do Século XIX, o regionalismo vai se caracterizar pela passagem do que era parte da tradição oral para a fonte escrita e do que era de cunho popular para as esferas do culto.

Segundo César (1971:70),

Os gaúchos deram nesse período excelente testemunho de si mesmos. Fizeram a vigília das armas, mas não olvidaram o cultivo do espírito. Literariamente, produziram pouco, que foi muito, dada a limitação de recursos a seu dispor. Escreveram versos, fizeram jornalismo, cultivaram a história episódica e narrativa.

Este período de final de século ocorre marcado pelo espaço que o dialeto gaúcho começa ocupar no discurso literário, embora essa literatura tenha se tornado uma fonte de registros lingüísticos importantes para a

caracterização desse dialeto, para alguns críticos, ela subvertia a pureza da língua.

Tal como na literatura gauchesca argentina e uruguaia do mesmo período, carregada de termos regionais, a literatura sul-rio-grandense não se limita pela presença desses termos regionais, pois, segundo Chiappini (2002:54),

Valorizar a escrita híbrida de um Hernández, de um Simões Lopes Neto, de um Ciro Martins é subverter os critérios de valor dos Cânones literários da chamada literatura culta. E não apenas tolerando um vocabulário regional, como querem alguns (mesmo assim, assinalando-o convenientemente com aspas ou itálico), mas aceitando uma outra lógica que rege a pontuação e, sobretudo, a sintaxe.

O elemento regional que surge na literatura gaúcha por volta do final do Século XIX é de tal forma amplo, que ele configura um quadro de estudos histórico-culturais que tende a acirrar e aprofundar as tomadas de posições da Crítica. Outra vez o debate é conduzido pela dualidade de posições antagônicas: a corrente da “lusofonia” nacionalista e a corrente “platina” regionalista. Respeitadas as diferenças e as influências lingüístico-literárias, apontadas por cada corrente, muitos autores foram “enquadrados” por essa Crítica, sobretudo pelo uso de regionalismos lingüísticos.

É difícil precisar qual corrente predomina, porque o debate se prolonga e tem continuidade já no Século XX, sobretudo, porque nesse século é que se formalizam as pesquisas e se recuperam textos do século anterior, evidenciando-se, então, as diferenças relativas ao problema da origem.

Laytano (1981:22), em relação ao Século XIX, faz a seguinte observação sobre as influências lingüísticas do “Linguajar do Gaúcho”:

As influências cuidadosamente emparelhadas, mas a maior delas naturalmente evidenciada, que é a açoriana. É o que demonstra. Nega-se a mania do século passado em ampliar a contribuição espanhola. Que houve. Mas não tão grande, e sim em escala modesta.

Dado o contexto histórico de pós-Revolução Farroupilha, Revolução Federalista³ e Guerra do Paraguai; de uma economia centrada na atividade agro-pastoril, típicas da zona do Pampa, além de uma produção cultural regional em desenvolvimento, representada pela literatura “gauches-

ca”, é bem provável que a contribuição e a influência espanhola, ou melhor, rio-platense, tenha sido mais significativa no Século XIX.

De acordo com Neumann (2004:25/26), do ponto de vista da historiografia sul-rio-grandense e da intelectualidade gaúcha, especialmente, no início do século XX, os esforços eram em argumentar sobre de quem era a contribuição maior na formação sócio-política do Rio Grande do Sul. Este historiador afirma que as argumentações centravam-se em duas posições: uma que reforçava a *matriz lusitana* ou outra que reforçava a *matriz platina*.

Com influências dessa natureza e com o desejo de afirmação de uma identidade gaúcha brasileira⁴, o regionalismo gaúcho vai se constituindo em um espaço de manifestação e produção cultural. Este espaço caracteriza-se por inaugurar um novo modo de dizer e significar o Rio Grande do Sul, especialmente pela língua.

O tom regional é dado pela temática e pelo uso de expressões lingüísticas peculiares, próprias do homem do campo. Mas o uso de regionalismos lingüísticos também vai resultar em produtos de conhecimento lingüístico. Tanto na produção literária como nos estudos lingüísticos, pode-se afirmar que é no Século XIX que se funda uma discursividade sobre o gaúcho, ainda que constituído no âmbito do regional.

Na cronologia da literatura sul-rio-grandense, as primeiras obras de que se tem notícia datam da metade desse século, e são respectivamente de 1847 e 1851. Coincidentemente, é deste mesmo período a publicação da Gramática da Língua Nacional – 1936 e da Coletânea de Vocábulo Sul-Rio-Grandense – 1851, de Antônio Álvares Pereira Coruja.

Portanto, pode-se afirmar que há uma discursividade que se constitui no quadro da produção regionalista sul-rio-grandense, que se origina, ou melhor, que se funda também pelo litígio de posições político-ideológicas. Posições essas que vão determinar o lugar do que é local, regional, na cultura gaúcha, no seu chamado *tradicionalismo*, que no século XX afirma-se como espaço de resgate da figura do gaúcho.

3. O Vocábulo Gaúcho e os Sentidos de uma Identidade Histórica

Sendo uma das características da literatura regionalista, o “Linguajar do Gaúcho” é a fala que identifica um tipo regional trazido do meio rural para ser valorizado, tornando-se um símbolo identitário de toda uma região, indistintamente, se urbano, se rural.

Deste modo, essa figura simbólica remete ao homem do campo. Seus valores morais, seu modo de falar, caracterizado por traços fonéticos peculiares e por uma extensa gama de variedades lexicais, muitas delas associadas ao contexto campesino, são características recuperadas e re-

gistradas pela literatura do final do Século XIX. A exemplo disto, as obras de Simões Lopes Neto, que trazem em anexo glossários ou lista de vocabulários para “explicar” termos que são próprios do “Linguaajar do Gaúcho.”

Segundo Guazelli (2002:108), até parte do Século XIX, o gaúcho nada mais era do que sinônimo de “vagabundo”, homem sem destino e morada certa. A partir daí, a palavra mudou de sentido, quando estes homens começaram a ter trabalho fixo nas estâncias, tornando-se empregados, chamados “peões campeiros”, que cultivavam os hábitos, as vestimentas e o linguaajar dos seus antepassados.

Este autor afirma que (2002:108):

Paradoxalmente derrotado gaúcho permitia-se que lhe dessem voz, e prosperou a literatura gauchesca na Argentina, Uruguai e mais tarde no Rio Grande do Sul. Uma imensa gama de intelectuais – todos urbanos, é bom salientar – trataram de resgatar a cultura dos homens do campo e atribuir-lhes qualidades fundadoras dos novos países, como coragem, altanería, franqueza, amor à liberdade: dos grandes centros urbanos europeizados e oligárquicos vinham as homenagens à plebe da campanha, submetida à ordem econômica e política, recriando o gaúcho que não existia mais.

A publicação da Coletânea de Coruja, neste mesmo período de nascimento da literatura gauchesca, contribui para confirmar a existência de uma cultura de resgate e de valorização do Gaúcho também no âmbito dos estudos lingüísticos. Desde então, foi se firmando uma tradição nos estudos lexicográficos no Rio Grande do Sul até a publicação de Dicionários de Regionalismos nas últimas décadas do Século XX.

Em razão deste movimento regional nascente, a palavra *gaúcho* é uma constante nas publicações de vocabulários e obras literárias. O vocábulo *gaúcho* é aquele que abarca todos os embates. Como palavra constitutiva de um discurso sobre o que é o “Gaúcho”, ela mesma se apresenta afetada por uma historicidade enquanto palavra e enquanto objeto, sendo ambos absorvidos pelas posições políticas, tanto pelo aspecto etimológico como pelo semântico.

Neste sentido, a noção de Interdiscurso permite que se possa interpretar o modo como se costuram os conflitos e as ideologias. Os efeitos de sentidos que se criam, a partir das definições dadas à palavra “Gaúcho”, constituem-se no funcionamento discursivo dos enunciados do verbete.

O recorte que se faz no Vocabulário Sul-rio-grandense, tomando o vocábulo *gaúcho*, não é “agarrar” a palavra em si mesma, mas analisá-la enquanto está em uma formação discursiva, construída em uma determi-

nada conjuntura histórica e que está permeada de posições ideológicas. E essa formação discursiva ou essas (podem ser várias) são parte do que está significado no Interdiscurso – no cruzamento de dizeres.

Para Orlandi (2003:43):

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres. Pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.

Neste sentido, como então o interdiscurso opera no texto do verbete *gaúcho* na obra *Vocabulário Sul-rio-grandense*? E se assim consideramos, como ele significa no interior de uma discursividade que funda uma memória do dizer?

Do ponto de vista estrutural, as acepções dadas ao verbete *gaúcho* estão separadas por autores, que as formularam tomando como enfoque a descrição do *gaúcho* enquanto tipo social e a apresentação de possibilidades etimológicas do termo, além de exemplos que ilustram ambos os enfoques.

Do ponto de vista do funcionamento lingüístico-discursivo, as acepções se caracterizam por uma constante remissão das descrições e definições, inclusive de repetições, além das sinonímias.

Creio ser relevante apresentar a história do registro da palavra *gaúcho*, que como um item lexical que define certos habitantes do Rio Grande do Sul, está documentado pelas anotações feitas por José Saldanha em seu *Diário Resumido*, de 1787. (Spalding:1964) .

Reproduzida por Machado (1966:31), assim se referia José Saldanha:

Gaúches – palavra espanhola usada neste País para expressar os vagabundos ou ladrões do campo, quais vaqueiros, costumados a matar os touros chimarrões, para sacar-lhes os couros, e a levá-los ocultamente às povoações, para a sua venda ou troca por outros gêneros.

Provavelmente, a palavra *gaúcho* foi introduzida no português falado no Rio Grande do Sul ainda já no final do Século XVIII, para definir um tipo social que era comum à região do Rio da Prata e que foi se deslocando para o estado brasileiro. Sendo referida em relatos de viagem como os de Saint Hillaire e “dicionarizada” por Antônio Coruja em 1851.

Desde então, a palavra *gaúcho* é marcada por sua importância na trajetória das mudanças sociais na região do Pampa. Passando por alterações de sentidos, vai se especializando até designar um tipo social específico de uma região geográfica muito particular. Este período reflete a própria instabilidade social e política da região que tem seu marco de afirmação, no caso do Rio Grande do Sul, com a Revolução Farroupilha.

O modo de apresentação do vocábulo *gaúcho*, na obra *Vocabulário Sul-rio-grandense*, repete este trajeto na própria descrição e diferenciação da palavra e do objeto que está sendo definido. Tomados pela necessidade de precisar traços que determinem o tipo social, a figura simbólica do Estado, os autores reproduzem discursivamente o debate. Nesta remissão de acepções, o interdiscurso opera como um cruzar de dizeres, que ora se repete, ora diz de outro modo o mesmo, no movimento da sinonímia que é próprio do funcionamento discursivo do dicionário. Desse modo, ora designa o tipo social ou a identidade ou a língua.

O Interdiscurso é uma memória do dizer, que é trazida para o presente, pelo modo como o discurso se constitui. Para Orlandi (2003:31), o interdiscurso

é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

O contexto que esbocei anteriormente mostra como as posições ideológicas são determinantes para a constituição do próprio objeto de definição do verbete *Gaúcho*. A partir de agora, é preciso interpretar como discursivamente esta relação da língua com a história significa as posições ideológicas, que vão marcar a formação de uma identidade gaúcha, tomando como ponto de partida a metade do Século XIX, visto que é neste momento que se dá a fundação de um modo de dizer sobre a linguagem do gaúcho.

Nos enunciados que compõem o texto do verbete selecionado, recortei aqueles que remetem ao objeto – tipo social gaúcho e à palavra – pelo enfoque etimológico. Estes enunciados constituem o interdiscurso que ocorre, sobretudo, por mecanismos de repetição e sinonímia. Neste caso, os sentidos de cada acepção dada ao verbete estão resumidos em 2 significações principais. No entanto, não são recorrentes em todos os autores, inclusive porque remetem suas acepções àquelas dadas por seus antecessores.

Estas acepções estão agrupadas de forma resumida pelo mais recente dos autores: Luis Carlos de Moraes, que escreveu seu Vocabulário na década de 30 do Século XX e faz uma apresentação histórico-descritiva da especialização de sentidos que a palavra *gaúcho* foi constituindo desde a primeira definição, no âmbito dos estudos lingüísticos, dada por Antônio Coruja. Além disto, este autor, usando o mesmo critério de apresentação, reúne uma série de informações sobre estudos relativos à etimologia da palavra. Em ambos os modos de proceder suas explicações, utiliza-se de exemplos de documentos históricos, da cultura popular e da literatura regional.

Quanto à definição de Gaúcho, os enunciados significam duas preocupações: dizer o que é e como é, ou seja, definir o tipo social e, neste sentido, há uma mudança fundamental em decorrência das transformações sócio-políticas da sociedade gaúcha na virada do século XIX. E a outra em detalhar o comportamento moral e social desse tipo social.

A primeira inclusão do vocábulo *gaúcho* é feita por Antônio Coruja na sua obra *Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* publicada em 1851. Na seqüência, quase quatro décadas depois, Romaguera Côrrea retoma esta acepção dando uma extensa definição, com pelo menos dois sentidos novos para essa palavra, inclusive incluindo-a em uma nova classe gramatical, agora também como adjetivo.

O mecanismo da sinonímia funciona nos enunciados de Romaguera Côrrea em relação a Antônio Coruja, na primeira significação dada ao verbete *gaúcho*.

1- Gaúcho: s.m índio do campo sem domicílio certo, que não é permanente em parte alguma. (Antônio Coruja)

2 - Gaúcho: s.m e adj. Por gaúchos eram conhecidos alguns bandos de índios guerreiros e cavaleiros que habitavam a República da Argentina e que obrigados a mudar freqüentemente de sítio, por causa dos contínuos ataques de seus inimigos, não tinham habitação certa. (Romaguera Côrrea)

Evidentemente, nesta primeira entrada do verbete, em ambos os autores, a significação é a dada pela descrição das características sociais e comportamentais. Esta definição reproduz, em Antônio Coruja, os sentidos que têm este gaúcho na metade do Século XIX.

Os efeitos das mudanças sociais ocorridas durante a metade desse século vão ser significados no modo de definição do *gaúcho* por Romaguera Côrrea. O *gaúcho* é significado pelo diferente. Os enunciados des-

critivos têm sentidos, então, ao nomear também a identidade de uma região, de um tipo social brasileiro. Este novo modo de significar a palavra *gaúcho* é por sua sinonímia com *rio-grandense*.

A primeira significação dada ao vocábulo a vinculou a uma idéia de gaúcho como um indivíduo de origem simples, por vezes duvidosa, de hábitos pouco apreciados. Ou seja, a origem social é determinada pelo seu sentido negativo. Este era o sentido de *Gaúcho* para a sociedade sul-rio-grandense da época.

Portanto, *Gaúcho* está significada por um lugar na hierarquia social dessa sociedade de meados do Século XIX. Neste momento histórico o Gaúcho é um tipo social que não está ainda identificado socialmente de forma positiva, não ocupa lugar nenhum, está à margem da estrutura social dominante, excluído. Ele aqui é o não civilizado, aquele que é fruto da mestiçagem, apenas *índios guerreiros e cavaleiros*.

Embora Romaguera Côrrea repita a definição dada por Antônio Coruja, ele antes de fazer esta entrada no verbete, enuncia que: *mui desvirtuado de sua verdadeira significação, está o voc. de que agora nos ocupamos*.

A verdadeira significação refere-se a uma designação nova desse verbete que por este autor é incluída, significando Gaúcho como sinônimo de rio-grandense, como em: *Indivíduos da campanha; Camponês campeiro; Camponês rio-grandense; Habitante da campanha*.

Depois dessa inclusão de Romaguera Côrrea, surgem novos modos de definir o Gaúcho. A palavra Gaúcho vai ser retomada inscrita em um novo sentido ou sentidos, como os apresentados por Roque Callage e Luiz Carlos Moraes, entre outros. Estas novas definições então são significadas em decorrência de um novo sinônimo incluído por Romaguera Côrrea, tomando, a partir disto, uma significação positiva.

A partir deste momento, essa nova acepção vai se repetir em outras formações discursivas. Para ilustrar, vejamos outros sentidos que serão depois re-significados em outros discursos da cultura gaúcha, inclusive nos dias de hoje:

3-Gaúcho – *O que é forte, gentil e disposto, cavaleiro resistente e ousado como o eram e são os camponeses e antigos indígenas.* (Romaguera Côrrea)

4-Gaúcho – *É a expressão típica do valor e da coragem, e, identificado como seu companheiro inseparável – o cavalo – ele simboliza nas galopadas pela planura, a figura mitológica do Centauro.* (Roque Callage)

5-Gaúcho – *Destros no manejo do laço e no arremesso das bolas traçoceiras, o gaúcho realiza o tipo lendário do centauro.* (Luiz Carlos de Moraes)

Estas três definições significam positivamente o gaúcho, embora refiram ao passado e à origem. Estes sentidos constituídos no final do Século XIX e início do Século XX vão ser constantemente remetidos em outras formações discursivas que, evidentemente, estão afetadas por uma outra historicidade que a língua construiu na sua relação com a história, significando uma ideologia do gaúcho.

A Ideologia da identidade do Gaúcho associada a este imagem de força, destreza e liberdade constitui uma discursividade que se repete em outros discursos, em outros lugares, em outros tempos.

A imagem do homem à cavalo, remetendo à figura mitológica do Centauro, é ainda repetida, sobretudo, nos discursos regionalistas, em outras formações discursivas, tais como: *Homem e um cavalo são uma coisa só*.

Do mesmo modo, o enunciado *que não é permanente em parte alguma*, do verbete elaborado por Antônio Coruja, significando a vida errante e livre do gaúcho primitivo, assim identificado no final do Século XVIII, é redito em: *pessoa que não tem domicílio certo*, por Romaguera Côrrea; *indivíduo sem morada certa, o vago errante; amante da liberdade*, por Luiz Carlos Moraes.

Esses últimos enunciados já estão afetados pela especialização dos sentidos do Gaúcho, não mais se referindo ao primitivo, mas ao tipo social representativo de uma região e, logo, sinônimo de sul-rio-grandense. Atualmente, eles são ditos como: *Gaúcho vive de pago em pago; o Gaúcho sem querência*.⁵

A produção de conhecimentos lingüísticos sobre o “Linguajar do Gaúcho” está constituída de uma discursividade, repetida em outras formações, dizendo este mesmo discurso fundado na metade do Século XIX, porém significando-o diferentemente.

Neste interdiscurso, dadas as formações discursivas em que vai resurgir, é onde o discurso tem o sentido de fundador. Uma memória do dizer se constituiu e se projetou pela fundação de uma discursividade de uma identidade gaúcha.

Os enunciados que recortamos do verbete Gaúcho são constantemente repetidos nos discursos do tradicionalismo gaúcho⁶, porque significam enquanto manutenção de uma identidade. Neste sentido é que funda este discurso de uma outra língua portuguesa, a do “linguajar do Gaúcho”, que também é o discurso do regional.

Mas a existência de um discurso metalingüístico que identifica a existência de uma variedade sul-rio-grandense da língua portuguesa é referida já, em 1889, por Romaguera Côrrea. Ele registra essa existência como exemplo de acepção da palavra Gaúcho, pelo lingüístico, enquanto valor de adjetivo. Ele descreve (1964:222): *Linguagem Gaúcha, o dialeto rio-grandense ou mais propriamente o que falam os camponeses rio-grandenses*.

Porém, o que se diz desta linguagem gaúcha é que ela é outra língua em relação à língua portuguesa no Rio Grande do Sul que é, por sua vez, outra língua nesta heterogeneidade lingüística do português brasileiro. Ela ainda está restrita ao interior, encontra-se no processo de especialização dos sentidos, do mesmo modo como ocorreu com os novos sentidos dados por Romaguera Côrrea ao vocábulo Gaúcho, ao inclui-lo como sinônimo de rio-grandense.

Em relação aos enunciados das etimologias, o não-dito está presente pela constituição de uma ideologia relacionada à formação de uma identidade que é política, mas que é, principalmente, histórica para os sul-rio-grandenses.

Esses enunciados constituem o discurso da origem. E como essa origem significa por sua indefinição e imprecisão o que há é um entrecruzamento de dizeres autorizados – exemplos de estudos realizados e hipóteses levantadas por pesquisadores – significando o desejo de se instituir uma identidade gaúcha que está em construção contínua, por isto talvez a necessidade de referenciar valores da cultural regional e tradicional desde o seu discurso fundador.

Em exemplos como:

1 – *ainda não se pode entrever com segurança a sua origem apesar dos pacientes estudos ultimamente realizados por...* (Roque Callage)

2 – *É muito discutida a etimologia desta palavra, mas cito a presente para ilustrar mais o assunto.* (Luiz Carlos de Moraes)

Em autores como Roque Callage e Luiz Carlos Moraes, que publicaram suas obras nas primeiras décadas do Século XX, a discursividade da etimologia é predominante. É preciso, pois, dar uma origem a este nome para significá-lo mais positivamente e forjá-lo como parte constitutiva de um discurso identitário.

Os mecanismos lingüístico–discursivos que operam nos enunciados do verbete Gaúcho são predominantemente a repetição e a sinonímia e ocorrem tanto no processo de nomear o objeto como no de predicá-lo. A especialização dos sentidos é o modo como o exterior à língua é absorvido nos sentidos que ela passa a incorporar e a significar.

A discursividade construída pelo Vocabulário Sul-rio-grandense se projetou, se repetiu em outros discursos, em outros produtos de conhecimento lingüístico de forma que se pode hoje considerá-lo como o Discurso Fundador de um “Linguajar do Gaúcho”.

Considerações Finais

O quadro de produção intelectual que esbocei em relação à produção de manifestações de linguagem, especialmente de produtos de con-

hecimento lingüístico a partir da metade do Século XIX no Rio Grande do Sul, possibilitou-me interpretar o modo como se constituiu, neste espaço regional, uma discursividade sobre a Língua Portuguesa falada no Rio Grande do Sul. Discurso de autoria local, que passa já no final desse século a ser identificado como variedade da língua nacional.

As mudanças sociais e políticas ocorridas desde meados do Século XIX na sociedade gaúcha faz surgir uma crise identitária. O regionalismo passa a ser o espaço do debate e a valorização do Gaúcho. Através desse espaço se busca instituir símbolos e valores a serem defendidos e representados, como forma de se criar uma Identidade histórica para a região, sobretudo pelo esfacelamento político-social do estado, em decorrência das revoluções civis acontecidas ao longo desse século.

Assim, no espaço em que se desenvolve o movimento regionalista no Rio Grande do Sul, produzem-se instrumentos lingüísticos específicos para dar conta de descrever a língua portuguesa falada no Rio Grande do Sul, entre eles os Vocabulários Sul-rio-grandenses.

Do ponto de vista da constituição de uma discursividade sobre o “Linguajar do Gaúcho”, estes instrumentos lingüísticos trazem para dentro da língua os sentidos que lhe são dados na sua relação com o real, com a história. Esta relação significa a própria existência de um discurso sobre o gaúcho, sobre seu linguajar.

O discurso que se funda, portanto, é constituído no interior dessa relação, em que se fazem presentes ideologias. Ideologias estas significadas, por exemplo, no debate sobre as influências lingüísticas do chamado “Linguajar do Gaúcho”, quanto à própria descendência social do Gaúcho, do semântico da palavra e de sua etimologia. Mesmo ao significar estes debates discursivamente, a língua está atravessada por posições políticas, em uma dualidade que, na verdade, busca o mesmo – dar sentido a uma identidade gaúcha.

A Análise do vocábulo “gaúcho” mostra que esses sentidos são remetidos a outras formações discursivas, que se repetiram significando um discurso de autoria gaúcha sobre o português falado pelos gaúchos. Discurso que está inscrito em uma discursividade lexicográfica brasileira, tanto por ser um instrumento tecnológico que se produziu no âmbito da autoria brasileira como também por fundar uma discursividade sobre a variedade desta mesma língua portuguesa brasileira.

Conclui-se, portanto, que o discurso fundador do “Linguajar do Gaúcho” significa na medida em que é um produto tecnológico que se constitui por uma memória do dizer, uma memória do conhecimento lingüístico, que diz a história, o sujeito e a identidade.

Notas

1. Dante Laytano, na sua obra *O Linguajar do Gaúcho Brasileiro* menciona a possível existência de uma obra de autoria de Joaquim Gomes de Campos Júnior, de 1909, chamada *Dialeto Rio-grandense*.
2. Este sentimento tem sua maior expressão nas motivações que provocaram a Revolução Farroupilha. O movimento separatista é uma reação ao “abandono” do Rio Grande do Sul por parte do Império brasileiro.
3. Esta revolução ocorreu de 1893 a 1904 e reuniu caudilhos uruguaios e líderes revolucionários gaúchos descontentes com o projeto republicano.
4. O gaúcho como tipo social de uma região não se restringe ao território brasileiro. Ele é considerado também como o típico homem do pampa argentino e uruguaio.
5. Pago e querência significam, lugar, morada.
6. O tradicionalismo gaúcho é um espaço para referenciar e conservar tradições e costumes da cultura gaúcha, especialmente para reforçar uma identidade sul-rio-grandense associada a este tipo social oriundo do campo. A repetição dos discursos ocorre principalmente nas letras de músicas, na poesia e nos causos contados ou escritos.

Referências Bibliográficas

- AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- BUNSE, Heinrich. *Estudos de Dialectologia no Rio Grande do Sul*. Edições Faculdade de Filosofia: UFRGS: Porto Alegre, 1969.
- CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul. (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 2ª ed., 1971.
- CHIAPANNI, Lígia. *Multiculturalismo e Identidade Nacional*. In Maria Helena Martins (Org.) *Fronteiras Culturais*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002, p.43-60.
- GUAZELLI, César Augusto Barcellos. *Matrero, Guerreiro e Peão Campeiro: Aspectos da Construção Literária do Gaúcho*. In Maria Helena Martins (Org.) *Fronteiras Culturais*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002, p.107-125.
- LAYTANO, Dante. *O Linguajar do Gaúcho Brasileiro*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, 1981.
- MACHADO, Propício da Silveira. *O Gaúcho na História e na Linguística*. Porto Alegre: Globo, 1966.
- MASINA, Lea. *A Gauchesca Brasileira: Revisão Crítica do Regionalismo*. In Maria Helena Martins (Org.) *Fronteiras Culturais*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002, p.93-105.
- NEUMANN, Eduardo. *Uma Fronteira Tripartida: a Formação do Continente do Rio Grande – Século XVIII*. In Luis Alberto Grijó et Alli (Orgs.) *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

- NUNES, José Horta. *Léxico e Língua Nacional: Apontamentos sobre a História da Lexicografia no Brasil*. In História das Idéias Lingüísticas. Constituição de um Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: Editora da UNEMAT, 2001, p. 71-87.
- ORLANDI, Eni. *Les Discours Fondateurs de la Brésilienneté*. In Naisance du Brésil Moderne .1500-1808. Civilisations n° 22. Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1998, p.131-142.
- ORLANDI, Eni & GUIMARÃES, Eduardo. *Formação de um Espaço de Produção Lingüística. A Gramática do Brasil*. In História das Idéias Lingüísticas: Constituição de um Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: Editora da UNEMAT, 2001, p.21-38.
- ORLANDI, Eni. *Discurso Fundador. A Formação da Identidade do País e a Constituição da Identidade Nacional*. Campinas: Pontes, 2ed, 2001.
- _____. *Língua e Conhecimento Lingüístico. Para Uma História das Idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003, 5 ed.
- RONA, José Pedro. Gaucho: Cruce Fonético de Español y Portugués. In *Revista de Antropologia*, n° 1 e 2, Vol. 12. p.87-98, São Paulo, 1965.
- SPALDING, Walter. *Vocabulário Sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1964.
- _____. Coleção de Vocábulos e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande, por Antônio Álvares Pereira Coruja. *Boletim de Filologia*. Tomo V, N° 37, 38 e 39. Montevideú: Instituto de Estudos Superiores Del Uruguay, 1948.